

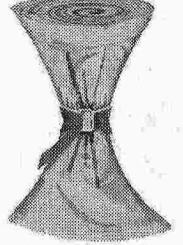
Davi

UnB abre o pacote

Economistas vêem o programa fiscal como medidas emergenciais

Faltam estímulos às exportações e controle sobre as importações

AJUSTE



Se o Programa de Estabilidade Fiscal (PEF) não gerar os resultados esperados, o Governo deve virá lançar mão de privatizações de segmentos que, pelo menos num primeiro momento, não está em cogitação, como os aeroportos, o Banco do Brasil e a Petrobrás. O caminho é dado como certo, por professores de Economia da Universidade de Brasília (UNB), que no entanto, não concordam com ela, mesmo sabendo que a venda das empresas irá gerar alguns bilhões de reais para o Governo.

"Esta carta que pode estar escondida é uma carta selvagem", avalia Ricardo Wahrendorff Caldas

Em debate no Jornal de Brasília, os professores avaliam os problemas enfrentados



Fotos: Davi Zocoli

ECONOMISTAS debatem no Jornal de Brasília o Programa de Estabilização Fiscal e as alternativas para o País sair da crise

pelo Brasil e as alternativas para ele sair da crise. O PEF, por exemplo, não passa de um conjunto de medidas emergenciais, na opinião de Jorge Madeira Nogueira, apenas para o Governo enfrentar o próximo ano. Nogueira aponta o déficit em transações correntes do Brasil como um grande problema, principalmente diante da falta de falta

de linhas de crédito no exterior, e acha que o País terá que partir para uma política de redução drástica das importações.

Para o Professor Paulo Coutinho, o Brasil vinha no rumo certo, mas foi atropelado pelas duas crises da Ásia e teve os problemas agravados pela cultura do "corpo-mole", adotada indistintamente pelos

governantes brasileiros e que levou o presidente Fernando Henrique Cardoso a deixar de adiar as medidas no tempo certo, para evitar a situação atual. "Se não fosse a tradição do corpo mole, os custos seriam muito menores"

Incentivos

Ricardo Caldas reclama da falta de incentivos às expor-

tações, o que poderia ajudar o país a sair mais rapidamente da crise. Segundo Caldas, os próprios empresários brasileiros não têm uma cultura exportadora e pensam no mercado externo apenas para vender produção excedente. Diante disso, o que se constata, segundo ele, é que apesar de o comércio mundial manter um crescimento ano a ano, o Brasil man-

tém a mesma posição - de menos de 1% de tudo o que se exporta no mundo - o que significa uma tendência declinante nas exportações. "Não tenho dúvidas de que são poucos nossos setores que têm competitividade, mas não importa, temos que ter uma política agressiva de exportações", diz Caldas.

O professor Joaquim Pinto de Andrade acha, diante do quadro a que se chegou não há, de fato, outra alternativa ao Brasil, senão buscar ajuda internacional, com o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial e o Governo dos Estados Unidos. O problema, para ele, é que as exigências que serão feitas para este novo programa de ajuda farão os programas anteriores do próprio FMI parecerem "brincadeirinha". Andrade acredita, por exemplo, que aumentarão as pressões para o Brasil privatizar as universidades e os sistemas de saúde.

Pior que isso, na opinião do professor Joaniilio Rodolpho Teixeira, é preocupante que o Governo não tenha definido metas de crescimento no Programa de Estabilidade Fiscal. "As medidas anunciadas têm a preocupação de aliviar um problema de contas do Governo. É preocupante o fato de não se saber o que pode ser feito para uma retomada do crescimento econômico daqui a dois, três ou quatro anos", diz.

AGUINALDO NOGUEIRA e RODRIGO LEITÃO
Repórteres do Jornal de Brasília